


É NAS CRISES QUE A FORÇA DA GEOGRAFIA APARECE¹

IT IS IN CRISES THAT THE STRENGTH OF GEOGRAPHY APPEARS

ES EN LAS CRISIS DONDE APARECE LA FUERZA DE LA GEOGRAFÍA

Ruy Moreira²

 0000-0002-6158-4471
ruymoreira@uol.com.br

1 Texto de transcrição de *live* de título “A geografia humana: concepções e experiências”, realizada em abril de 2020 pelo PET/UFGD, e coordenado pelo professor Charlei Aparecido da Silva.

2 Professor do quadro permanente dos programas de pós-graduação em Geografia da Universidade Federal Fluminense (UFF) (mestrado e doutorado), da Faculdade de Formação de Professores-Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FFP-UERJ) (mestrado) e professor visitante do curso de graduação da FFP-UERJ. Dedicou-se a pesquisas no campo da teoria-epistemologia geográfica e da organização espacial da sociedade brasileira, objetivando combinar a teoria e o olhar próprios que leve a Geografia e o geógrafo a partir do seu campo a juntar-se aos demais saberes na tarefa permanente de dissecar o real estrutural do Brasil e do mundo. É mestre em Geografia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e doutor em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo (USP). Autor de diversos artigos e livros na área, publicou pela Contexto Para onde vai o pensamento geográfico? O Discurso do Avesso, Geografia e Práxis, Pensar e ser em geografia, O pensamento geográfico brasileiro vol. 1, 2 e 3, e Sociedade e Espaço Geográfico no Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6158-4471>. E-mail: ruymoreira@uol.com.br.

Artigo recebido em maio de 2025 e aceito para publicação em junho de 2025.

RESUMO: A teoria geográfica é uma arma de explicação da epidemia do covid-19 e o conhecimento do padrão de suas causas uma forma de prevenção de novas ocorrências. A apresentação dessa teoria é o tema deste texto.

Palavras-chave: Covid-19. Teoria geográfica. Prevenção acadêmica.

ABSTRACT: Geographic theory is a weapon for explaining the Covid-19 epidemic and knowledge of the pattern of its causes is a way of preventing new epidemics. The presentation of this theory is the theme of this text.

Keywords: Covid-19. Geographic theory. Epidemic prevention.

RESUMEN: La teoría geográfica es una arma para explicar la epidemia de Covid-19 y el conocimiento del patrón de sus causas es una forma de prevenir nuevas epidemias. La presentación de esta teoría es el tema de este texto.

Palabras clave: Covid-19. Teoría geográfica. Prevención de epidemia.

*Dedico o presente artigo ao geógrafo Professor **Álvaro José de Souza** e ao filósofo Professor **José Misael Ferreira do Vale**, educadores que se constituíram no espaço da Educação Pública, destacando-se na intensidade dos trabalhos desenvolvidos para a materialização no maior grau possível do direito de todos(as) à Educação de qualidade. Álvaro e Misael foram intelectuais cujos pensamentos são indispensáveis à conquista dos objetivos e ao atendimento das necessidades das classes trabalhadoras, à efetivação do ensino da Geografia e a sua transformação social. A dedicação para que a revista *Ciência Geográfica* se tornasse realidade atesta o legado de ambos, merecedores das lãureas a eles atribuídos. Se uma das melhores formas de se prestar homenagem é prorrogar ao eterno as suas obras e fazer com que aqueles que ainda não as conheçam, tomem o devido conhecimento sobre o seu profícuo conteúdo, os 30 anos da revista *Ciência Geográfica* estão aí, mantendo viva e pulsante, a herança intelectual deixada por Álvaro e Misael.*

INTRODUÇÃO

O que seria uma leitura geográfica da pandemia do covid-19? Em que medida a geografia está munida de armas para explicar e dar conta seja do seu entendimento e seja do seu combate? Quais são elas?

O que se sabe é que há uma clara correspondência entre local da eclosão (origem) e trajeto de propagação (transformação da epidemia em pandemia) do fenômeno e essas armas teóricas, que propicia a resposta teórica e metodológica às perguntas.

Chama-se a atenção para o uso do condicional – o que seria? – porque fazer teorização pressupõe a evidência empírica do fenômeno, o que ainda não temos. A ciência trabalha com os dados reais e os aportes teóricos dessa evidência, e o que temos é o conhecimento do rastro cartográfico

do movimento (escala espacial) do local (a epidemia) ao global (a pandemia) e a hipótese de sua ocorrência (ambiental), e assim a possibilidade da sua formulação analítica. Ainda não houve o acúmulo suficiente de evidências, exceto no plano da compartimentalização médica (sabe-se que é uma transmissão por vírus, o SARS-cov-2), para que se consiga a explicitação.

A geografia é uma forma de ciência e ela está vinculada a este paradigma. A disponibilidade do rastro da propagação e da hipótese da origem, todavia, possibilita a apreciação analítica do que está acontecendo. E é o que faremos.

A TRAJETÓRIA

O covid-19 tem polo de eclosão em Wuhan, na China, de onde sai e se propaga em um circuito de circunvizinhança: da China desloca-se e se propaga pelo continente europeu, daí para a América do Norte, segue para a América do Centro e do Sul, alcança a África, chega à Austrália e ilhas índicas, vai ao leste e sul-sudeste da Ásia, voltando, por fim, à China. Com imensa capacidade de mudança de cepa do vírus, o covid-19 reenceta o périplo de circunavegação, revigorando-se com frequência, de retorno, embora não necessariamente, de volta à China, reforçando-se no caminho.

Segue, assim, um circuito, antes mapeado e analisado pela teoria geográfica para outras ocorrências, em um movimento de ciclos que gera e seguidamente amplia essa teoria, como a doença do sono, transmitida pela mosca tsé-tsé nas áreas tropicais da África, registrada e analisada por Vidal La Blache em seu *Princípios de geografia humana*, de 1918, antecedida e seguida por uma sequência de outras eclosões, em diferentes cantos, que Max Sorre investiga e sistematiza em seu *El hombre en la tierra*, de 1919, resumida em edição abreviada e estatisticamente atualizada desde 1934 (Sorre, 1961), criando o conceito de cadeia nosológica, que Sorre vai utilizar como base de referência para a criação de uma geografia médica, fortemente difundida nos meados do século XX.

Pode-se, assim, falar de cinco teorias de referência, incluindo a geografia médica de Sorre, formalizadas na cadeia da relação homem-espaço-natureza, o modo de mediação do espaço administrando ou detonando surtos de eclosão epidêmico-pandêmica a partir de como a relação homem-natureza se declina no modo de arranjo espacial de cada tipo de sociedade.

A teoria da difusão espacial de Friedrich Ratzel

Talvez dentre as primeiras teorias da tradição clássica sobre o tema, a teoria da difusão espacial de Ratzel, desenvolvida no seu *As raças humanas*, publicada em 3 volumes no período de 1885 e 1891, entre a publicação do volume 1, em 1882, e do volume 2, 1891, da *Antropogeografia*, que lhe serve de plano geral de referência (Ratzel, 1990), é tipicamente uma teoria de encaixe espacial dentro da relação homem-natureza.

Ligada às formas gerais de propagação espacial dos fenômenos, a teoria da difusão é adotada de imediato pelos antropólogos nos estudos de difusão da cultura, pelos estudiosos de tecnologia nos estudos de inovação tecnológica e pelos geógrafos clássicos franceses Vidal La Blache, Jean Brunhes e Max Sorre nos estudos de geografia da população, geografia da alimentação, geografia dos costumes, geografia da saúde, em seu vínculo com a relação homem-meio.

A teoria consiste na noção de que os fenômenos se localizam em um ponto espacial definido, onde nascem e se propagam para vários pontos esparsos, se difundindo por irradiação para espaços

cada vez mais amplos. Tal como acontece com as migrações dos homens, animais e plantas. É o que vemos acontecer com a propagação do vírus SARS-cov-2, gerando e propagando difusamente o covid-19, seu produto patológico, pelo mundo, facilitado pela globalização dos transportes, das trocas, das relações técnicas, relações econômico-sociais e relações culturais do mundo atual. Uma difusão virológica distinta das virologias de perfil regional de antes, hoje planetário.

A teoria da concentração espacial de Paul Vidal La Blache

Desenvolvida no *Princípios de geografia humana*, de 1918, a teoria da concentração espacial de La Blache é a leitura inversa da teoria da difusão de Ratzel (Vidal La Blache, 1954). Em seu movimento espacial, os fenômenos partem de pontos diversos, para confluírem e se concentrarem em áreas de grande densidade e aglomeração, como as cidades e centros de mineração. Exemplo típico é o êxodo da população rural, vinda de pontos dispersos das áreas do campo para se concentrar nas cidades, em grandes aglomerações urbanas. Mudando com o êxodo a distribuição territorial da população nacional, seus hábitos, costumes e a cultura.

A rigor, a propagação endêmica do covid-19 resulta da combinação da difusão e da concentração. A difusão criando novas áreas de ocorrência da epidemia. E a concentração sua manifestação espacial em grande escala. Como em um movimento dos pratos de uma balança, em que um prato perde densidade ou se esvazia e o outro se enche e ganha peso. Ou em um movimento de gangorra, em que as trajetórias de uma ocorrência se alternam e dão origem a um ciclo de ida e vinda – em contínuo retorno –, como é o que se deu com o sucessivo ciclo de formação de novas cepas e o novo movimento de circunavegação que se inicia, com ponto de chegada e recomeço na China.

A teoria dos polos de crescimento de Pierre George e François Perroux

É uma teoria desenvolvida por Pierre George em seu *Ação humana*, de 1968, alimentada na teoria dos polos de crescimento do economista espacial François Perroux (George, 1968).

Consiste em dizer que uma vez um investimento econômico localizado em um dado ponto, a economia que cresce e se desenvolve, cedo transborda para a periferia, desenvolvendo com a irradiação em um grande anel o espaço como um todo. É o que acontece com a urbano-industrialização se expandindo da cidade para o campo circunvizinho, diante da propagação da inversão de capitais e florescimento de novas infraestruturas para além do círculo urbano, tornando cidade e campo uma área regional de grande dinamismo de relações de troca, desenvolvimento e crescimento econômico. Logo a polarização se repete mais à frente, mobilizando as áreas próximas, e mesmo distantes, em crescente multiplicação dos polos de troca cidade-campo sobre novas áreas, gerando regiões que aqui e ali vão coalescendo e se integrando, impulsionando por contaminação a industrialização e a urbanização de espaços crescentes, num ritmo que culmina por atingir o próprio todo do espaço nacional com o seu contagioso dinamismo.

O adjetivo de contaminação não é gratuito. É o que acontece com a expansão do covid-19, ao fim se propagando como uma mancha de óleo por países e continentes inteiros, primeiro a Ásia, depois a Europa, as Américas, a África e as ilhas e continentes do Índico e Oceania, numa combinação exponencial da teoria de difusão por propagação de Ratzel, da concentração de Vidal de La Blache e da teoria da polaridade de George-Perroux.

A teoria da espacialidade diferencial de Yves Lacoste

A teoria da espacialidade diferencial de Yves Lacoste aparece no seu já clássico *A geografia – isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra*, de 1988, consistente em mostrar que a combinação dessas teorias é a força que leva a expansão do fenômeno a ser diagnosticado como um desenvolvimento desigual e combinado, uma combinação desigual que difunde, ao tempo que diferencia a conformação espacial da propagação do fenômeno, a contar da diferença dos quadros de combinação do econômico e do social dos países e continentes (Lacoste, 1988).

Nos Estados Unidos o que temos é algo próximo da teoria de Ratzel. Mesmo consideradas as diferenças, o país tem maior homogeneidade de desenvolvimento econômico-social, propagando o covid-19 dilatadamente por todos os espaços, com o entroncamento cidade-campo e cidade-região do espaço nacional propendendo a uma geografia econômica genericamente amplificada, com o ilhamento da geografia social da pobreza nos bolsões dos grandes centros metropolitanos. Sem contar com a maior capacidade de produzir e aplicar a vacinação anticovid – a despeito mesmo da agressão do terraplanismo – amplamente.

No Brasil e na América Latina, o que temos é algo próximo da tripla combinação de Ratzel, Vidal e George, mais Yves Lacoste, lastreada numa geografia social da pobreza generalizada, aqui contraditada por seus privilegiados bolsões de riqueza, com seus problemas de acessibilidade urbana de água, saneamento e habitação, a par da dificuldade de importação e aplicação da vacinação em massa – ainda mais bloqueada sistematicamente pelo terraplanismo no poder – em tempo útil e rápido.

Já na África, a propagação fica mediatizada pelo domínio ainda disperso da população em comunidades urbano-rurais, em um continente que inicia sua urbanização em ritmo acelerado, mas, sobretudo, ajudado por uma geografia política e uma geografia social de ainda forte presença dos laços de solidariedade comunitária – como vimos nas favelas do Brasil –, em que a propagação em parte se esbarra e o combate à doença encontra alguma barreira no espírito solidário da cooperação.

A teoria do complexo de complexos de Max Sorre

É a teoria que embasa a geografia médica das redes nosológicas que Sorre desenvolve em seu *El hombre en la tierra*, obra inicialmente publicada em três volumes em 1919, e depois editada em versão abreviada (e sucessivamente atualizada) em 1934 (Sorre, 1961). Teoria de sobreposição e acamamentos entrecruzados de estruturas de relações de conteúdos distintos, mas uma estrutura saindo da outra, que ao fim do todo dá numa sociedade de totalidade complexa – um complexo de complexos, diz Sorre – e diversamente unitária.

A primeira estrutura é a seminal da relação homem-natureza, que a criatividade humana transforma em uma relação homem-meio. Isto querendo dizer uma relação homem-natureza que o homem em ação coletiva materializa em uma forma ambientalmente modificada – chamada por Sorre de meio geográfico, copiado do seu mestre Paul Vidal La Blache –, segundo as características locais da técnica humana e dos elementos componentes da natureza. É quando se dá a relação hóspede-hospedeiro – a relação que se expressa em uma rede nosológica passível de fonte de patologias –, herança cujo equilíbrio cabe ao homem manter ou rever sem mudança de essência, deixada no estado de equilíbrio ambiental que antecederia, e assim atuando a cada ciclo de relação homem-natureza convertida em relação homem-meio na linha evolutiva do tempo. Justamento por sua característica de base de uma geografia ecológica.

A segunda estrutura é a da geografia alimentar, fruto da geografia agrícola que o homem cria mexendo na relação homem-natureza através uma prática de eleição seletiva, parte da formação vegetal sendo selecionada, escolhida e multiplicada como fonte geradora de mais alimentos e parte sendo mantida no seu envoltório original como forma de garantia de permanência do equilíbrio ambiental natural, dando numa forma mista de relação homem-meio com a relação homem-natureza mantida no traço do arcabouço original. É a camada do regime dietético, norteado nas culturas e criações selecionadas dentre as componentes da formação vegetal originária, que vão formar o complexo do suprimento alimentício, além do tipo de vestimenta e do tipo de habitação que o grupo humano vai tomar para o seu modo de vida (aquilo que, nas pegadas do mestre Vidal, Sorre chama de gênero de vida) e habitat, variável de lugar a lugar.

A terceira estrutura já nasce ambientalmente originada dentro da interioridade ambiental da relação homem-natureza recriada, criada para amplificar a potencialidade do poder de mudança, e que Sorre denomina de complexo técnico. Um complexo de técnicas determinadas na conformidade do caráter ambiental do meio, na relação com o qual e em função do qual nascem. Um complexo de técnicas nascidas da prática ambiental de que é parte lógica e reflexo funcional. Dito de outro modo, E que joga, e por isso mesmo, a relação homem-natureza para um arco territorial de escala de habitat para além do seu marco progressivamente.

A quarta estrutura é a da ordem de arrumação espacial dessa relação homem-meio nascida da metamorfose sociotécnica da relação homem-natureza, a ordem da relação cidade-campo e cidade-região aqui e ali mediada pela conversão da relação técnica em uma relação socioeconômica de sociedade que aí está se erguendo, e que Sorre vai designar o complexo do complexo de sociabilidade. Significando os hábitos alimentícios, de vestimenta, de morada, de consumo, num só termo, que na passagem da sociedade rural para a sociedade urbana, da sociedade local para a sociedade nacional, da sociedade nacional para a sociedade de mercado internacionalizado, o grupo humano vai mudando, padronizando, simplificando no curso do tempo. Recriando a forma e a escala da relação homem-natureza de onde vem.

A quinta estrutura é a da cultura, que, partindo da relação de sociabilidade instituída, nela vai embeber, transformando-a nos valores e formas de representação de mundo por meio dos quais vai erguer sua sociedade mais ampla.

Campo de entrelace de todas as demais teorias, mesmo premonitivamente a de Lacoste, que, ao fundo, parte de Sorre, via seu mestre e discípulo sorriano Pierre George, a teoria do complexo dos complexos de Sorre, completa e aponta, em uma junção de conjunto, para a fonte de origem, e base do trajeto do espaço que nasce na China e volta à China, reflexivos, do covid-19.

A ORIGEM

A circunvolução do trajeto e a hipótese da origem mais considerada indicam como causa da pandemia a quebra da relação ambiental nos termos da rede nosológica de Sorre que ocorreu na região da floresta de Wuhan, ocasionada pelo desenvolvimento em rápida expansão que a partir dos anos 1970 a relação cidade-campo e cidade-região, fruto da intensa e monumental revolução urbano-industrial que então ocorre, tem lugar no território chinês. A fonte, esta é a hipótese dominante, ao lado da tese de um escape de pesquisa laboratorial, é a quebra da relação hóspede-hospedeiro até então existentes na floresta, e sua substituição com a chegada da urbano-industrialização, por uma forma de relação nova, de origem não mais florestal, mas urbana. Uma troca, eis a forma geográfica da tese, de um modo de estrutura ecológico-territorial natural por um modo de estrutural ecológico-territorial

natural-social da relação homem-meio, usando o conceito teórico de Massimo Quaini, exposta no seu *Marxismo e geografia*, de 1982 (Quaini, 1982).

É uma teoria que toma o circuito biótico-abiótico do ecossistema da natureza, de que o homem é parte componente, como referência, circuito já antes teorizado por Jean Tricart no seu *Ecodinâmica*, de 1977, a que Quaini acrescenta o viés fundiário-territorial do conceito, explicitando o cunho socioespacial da relação homem-meio de Tricart – Tricart entende, na linha de Sorre, que “é o homem que dá o sentido de meio ao meio”, partindo da reordenação ambiental do território – desenvolvido em seu *A terra planeta vivo* (Tricart, 1978) .

A base do circuito é a fotossíntese, a relação na qual as plantas buscam nutrir-se dos elementos químicos potássicos e nitrogenados do solo, numa relação para baixo, e do gás carbônico e energia luminosa do envoltório atmosférico, numa relação para o alto, levados e combinados, na interioridade do corpo vegetal, a se transformar, numa operação metabólica, de matéria inorgânica em matéria orgânica, na forma de proteínas, gorduras, açúcares e vitaminas, que as plantas usam para se reproduzirem como seres vivos. Essas componentes orgânicas são os alimentos também dos animais, incluído o homem, numa transformação agora da fotossíntese em uma cadeia trófica, em que os animais herbívoros se alimentam das plantas, os animais carnívoros dos animais herbívoros e os animais onívoros, eis aí o homem, das plantas, dos animais herbívoros e dos animais carnívoros. Cada cadeia de relação fotossíntese-trofismo se dá num lugar ambientalmente apropriado da superfície terrestre, tomados os respectivos biomas como referência, numa relação ecossistêmica global que Quaini chama justamente de estrutura ecológico-territorial.

A relação assim estabelecida se retroalimenta da incorporação dos restos das plantas e animais mortos, para a retomada do ciclo, os restos decompostos e assimilados voltando à condição inorgânica no âmbito do ecossistema, repondo no ambiente natural as componentes do solo e do ar, que as novas plantas vão assimilar em nova fotossíntese e nova cadeia trófica, num ciclo de vida e morte, biótico-abiótico, em termos ecossistêmicos, dentro do bioma de origem. O estabelecimento da relação cidade-campo e cidade-região como arranjo espacial socioeconômico da estrutura ecológico-territorial pré-existente, todavia, quebra e reordena o ciclo do retorno biótico-abiótico do bioma natural, separando o ponto territorial de começo e o ponto territorial de recomeço do circuito ecossistêmico, forjando o que John Bellamy Foster chama a falha metabólica, em seu *A ecologia de Marx, materialismo e natureza*, alterando por completo a dinâmica do movimento cíclico da relação homem-meio (Foster, 2005).

É o que pode ter acontecido como origem da patologia do covid-19 em Wuhan, certamente fruto de uma quebra ecológico-territorial da relação biótico-abiótica de reprodução da relação homem-meio na floresta nessa área rural em urbano-industrialização da China, obrigando a relação hóspede-hospedeiro a ter de se refazer, com a reordenação espacial cidade-campo e cidade-região da relação homem-natureza trazida pelo modo do desenvolvimento urbano-industrial na forma como aí se deu. O que então era uma relação exclusivamente rural de espacialidade ecossistêmica, vira com esse modo de desenvolvimento, uma relação de espacialidade a um tempo rural e urbana, à semelhança da transformação da paisagem natural em uma paisagem humanizada da teoria vidaliana de paisagem de Carl Sauer, em seu *A morfologia da paisagem*, de 2000 (Sauer, 2000), mas, em Wuhan, numa China em rápida fase de modernização de sua geografia econômica, formatada como o modo de acumulação primitiva socialista ao jeito chinês do pós anos-1970, mas com efeitos iguais ao processo e conceito de acumulação primitiva da teoria do capitalismo de Marx, exposta em seu *O capital*, de onde Quaini vai tirar o conceito de estrutura ecológico-territorial e Foster o conceito de falha metabólica, Quaini com base no livro 1 e Foster livro 3, respectivamente (Marx, 2013).

A acumulação primitiva do capital é o conjunto das relações que realizam a passagem do feudalismo ao capitalismo como estrutura de um novo modo de produção. Seu processo é a separação do camponês servo de sua relação com a terra (no sentido ecológico do conjunto orgânico da relação homem-natureza, mais que tão somente do solo agrícola do camponês de hoje), que substitui a estrutura ecológico-territorial feudal pela estrutura ecológico-territorial capitalista, em que a terra agrícola torna-se capital, isto é, objeto de compra e venda, e então mercadoria (a natureza em decorrência se fragmentando e cada pedaço de valor de uso virando objeto de compra e venda daí para frente), para produção e reprodução ampliada do lucro, e fonte inicial da acumulação (por isso primitiva) capitalista. Na decorrência, o servo despojado da terra vira vendedor de força de trabalho, a única forma de propriedade que lhe resta, a indústria se separa da agricultura, com isto, a cidade do campo, a caminho da geração e separação da relação cidade-região, engendrando a divisão territorial de trabalho e de trocas que justamente vai gerar a falha metabólica, que daí em diante passa a ser a estrutura ecológico-territorial existente.

É o que por hipótese deve ter acontecido nas florestas de Wuhan. Onde, por analogia, desde os anos 1970 vive-se o que se chama a acumulação primitiva socialista de uma economia de mercado, a forma de acumulação primitiva socialista e de socialismo distinta dos anos 1950-1960, e algo semelhante (ou a própria) à forma da acumulação primitiva de relação homem-meio capitalista. Nessas florestas, em começo de atingimento pela marcha territorial da urbano-industrialização dos anos 1970, habitam o vírus SARS-cov-2 hóspede e o morcego seu hospedeiro. Ao ser atingida e desmatada pela urbano-industrialização e pela divisão territorial cidade-campo e cidade-região de trabalho e de trocas que dela emerge, a relação ambiental florestal é destruída e a relação hóspede-hospedeiro original é desmanchada, o vírus SARS-cov-2 indo hospedar-se no pangolim, um mamífero então migrante por dentro da floresta e cercanias. Animal que os chineses tomam por fonte de alimento, bem como suas escamas usadas como afrodisíaco, o pangolim é caçado e levado como objeto de comércio para as cidades, como na província de Wunan, por exemplo, onde o covid-19 explode como epidemia de novo coronavírus. Fonte da patologia do covid-19, o SARS-cov-2, uma vez transferido do pangolim consumido como alimento para o organismo humano, o vírus muda de novo de hospedeiro, e de forma de vírus, do pangolim para o homem, um hospedeiro mais frágil e menos resistente a patologias, a relação hóspede-hospedeiro se transferindo da floresta para a cidade, do rural para o urbano, em um viés de relação ambiental cidade-campo em que vira a patologia o que antes não era.

De Wuhan se propaga para outras cidades e relação cidade-campo e relação cidade-região da China, pelas mãos do comércio e do regime dietético, daí difundindo-se, pela facilidade dos transportes (fala-se do avião como o principal veículo) e da conectividade do mundo da globalização, para todos os países. Onde a difusão, a concentração e a polaridade geográfica combinadas numa mesma teoria de geografia médica vão fazer o seu papel de levar da China para o mundo uma epidemia logo transformada em pandemia. A rigor, um pandemônio.

O PROBLEMA DO COMBATE

A ordem da conectividade que irradia o covid-19 é, todavia, a mesma que embarga o seu combate. A globalização começa na mundialização da finança especulativa e conclui-se com a mundialização da indústria, em uma combinação de movimentos de que a moeda e o comércio são o elo e o meio de intermediação.

Estamos nos anos de 1970 e se fecha o curto período de trinta anos do pós-guerra, os anos de 1945-1970 (para alguns estudiosos até cerca de 1973), chamados os 30 anos gloriosos, período do ciclo de rápida

expansão e larga taxa de acumulação que então conhece a acumulação capitalista. O volume acumulado de capital tem duas implicações: a autonomização rentista e a sobreacumulação. A autonomização, e implícito descolamento do rentismo da relação D-M-D', na qual o capital financeiro em geral ainda está preso em seus laços com a produção industrial, e sua passagem à relação D-D', de pura especulação em que dinheiro produz mais dinheiro, analisada por David Harvey no seu *Os limites do capital*, de 2013, significa a livre circulação territorial do capital, pousando e se fixando ali onde a reprodução ampliada é mais propícia, imediata e eficaz (Harvey, 2013), para logo em seguida arribar rumo a outro canto de igual situação, em uma relação, diz Claude Raffestin em *Por uma geografia do poder*, de 1993, de TDR – territorialização, desterritorialização, reterritorialização (Raffestin, 1993), organizando os espaços em uma ordem geográfica de fluxos dos fixos (não fluxos e fixos: estamos falando de uma ciência das interações posicionais do espaço), do dizer de Neil Smith no seu *O desenvolvimento desigual*, de 1988, que logo invade a totalidade do mundo (Smith, 1988). A sobreacumulação, o estado de implícito volume de excedente de acumulação sem campo previsível de mercado de aplicação imediata, por sua vez, significa uma busca desenfreada de aplicação forçada por todos os cantos do mundo, desfazendo e refazendo, numa ação destrutivo-constructiva os arranjos de espaço aí pré-existent. Empurrando e consolidando de vez a autonomização rentista, a persona e forma de existência que adquire o capital fictício da teoria de juros do livro 3 do *O capital* de Marx, analisada por David Harvey em seu *O novo capitalismo*, de 2004, clarificando o contraste dos momentos de centralidade do capital produtivo (industrial) de ontem e do capital fictício (rentista) de hoje (Harvey, 2004). O exemplo são as reformas urbanas artificializadas de grandes e médias cidades – fala-se de gentrificação – que abram portas de mercado de investimento fundiário meramente especulativo, como denuncia Harvey em seu *Cidades rebeldes*, de 2014, como a Copa do Mundo de Futebol e a Olimpíada, transformadas em eventos globais de investimentos magníficos de empresas internacionais e governos (Harvey, 2014). Ou os surtos de expansão de atividades de agroindústria em grande escala em espaços naturais de florestas e savanas de regiões e países ainda não impregnados da acumulação primitiva, em confronto aberto de territorialidade com comunidades rurais e indígenas aí há tempos existentes, como o cerrado e a mata amazônica no Brasil, no argumento da necessidade de contextura e atendimento de um consumo urbano globalizado que foi criado pelo próprio interesse de especulação do rentismo, avassalando e reestruturando a *forceps* os ordenamentos de espaço.

Juntos, a autonomização e a sobreacumulação rentista arrastam consigo a indústria, a agricultura e os serviços nessa globalização destrutiva e desenfreada, recriando e remanejando seja a localização e seja o arranjo territorial em particular dos parques industriais, até então de inscrições nacionais, que o surgimento e a propagação espacial da revolução digital (fonte do chamado pós-fordismo/toyotismo e da chamada reestruturação produtiva) trazem consigo no avançado do pós anos-1970.

Até então estruturada por inteiro dentro das fronteiras nacionais, a indústria vê seus ramos então se dissociarem e se dispersarem pelos países do mundo, cada país vindo a responder por um ramo ou um elenco de ramos específicos, em uma cadeia internacional de especialização e interdependência. Generalizando o sistema então conhecido de montagem peça a peça do automóvel, no qual as peças são produzidas em países diferentes e depois se deslocam para a montagem do automóvel em um ou alguns deles, a produção industrial globalizada se transforma, do automóvel aos remédios e aos celulares, em sua generalidade, em uma cadeia internacional de linhas de montagem, com o objetivo declarado de reduzir os custos, elevar a produtividade e fugir da pressão do sindicalismo nacionalmente organizado, tornando o mundo um só estruturalmente. O que parecia, entretanto, uma atitude lógica, logo se descobre uma grande armadilha de monopólios e dependências, mesmo dos

países desenvolvidos com os países emergentes e mais atrasados. Numa espécie malvada de inversão da relação centro-periferia. Mostra-o a pandemia do covid-19.

Fato é que a produção e o serviço de distribuição da vacina têm aí uma terrível barreira. Uma ordenação de geografia que, ao revés, opera ao contrário. A indústria de produção de vacinas fica bloqueada pela produção industrial e serviços de abastecimento de insumos. Os países mesmo os desenvolvidos ficam paralisados frente o interesse particular dos emergentes para os quais tinham também por interesse transferido suas unidades e regiões de indústria. Centro de aglutinação do conjunto de indústrias de geração de insumos básicos produzidos para o seu uso e consumo barato, tal como a indústria de autopeças para a produção do automóvel, ou de peças para o fabrico do celular, ou a montagem do computador, os fármacos produtores da vacina contra o covid-19 se descobrem numa difícil situação de negociação e dependência com os países especialistas fornecedores dos produtos, como a Índia e a China, autonomizados pela crise, usando da divisão internacional do trabalho e das trocas globalizada como fonte de privilégio e poder de pressão por ganhos de monopólio sobre o todo da indústria farmacêutica, de que por sua vez dependem todos os povos e países. Um grande nó!

Terminada a pandemia, a geografia econômica do rentismo é um sério problema a resolver.

REFERÊNCIAS

- FOSTER, John Bellamy. **A ecologia de Marx**. Materialismo e natureza. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira: 2005.
- GEORGE, Pierre. Problemas, doutrina e método. In: GEORGE, Pierre: **Geografia ativa**. SP: Difusão Europeia do Livro, 1968.
- HARVEY, David. **Cidades rebeldes**. Do direito à cidade à revolução urbana. São Paulo: Martins Fontes Livraria, 2014.
- HARVEY, David. **Os limites do capital**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2013.
- HARVEY, David. **O novo imperialismo**. São Paulo: Edições Loyola, 2004.
- LACOSTE, Yves. **A geografia, isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra**. São Paulo: Papirus Editora, 1988.
- MARX, Karl. **O capital**. 3 volumes. São Paulo: Boitempo, 2013.
- QUAINI, Massimo. **Marxismo e geografia**. Rio de Janeiro. Editora Paz e Terra, 1982.
- RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Editora Ática, 1993
- RATZEL, Friedrich. **As raças humanas**. In: MORAES, Antônio Carlos Robert. Ratzel. São Paulo: Editora Ática, 1990.
- SAUER, Carl. A morfologia da paisagem. In: CORRÊA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny. (orgs). **Geografia cultural: um século**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2000.
- SMITH, Neil. **O desenvolvimento desigual**. Natureza, capital e produção do espaço. São Paulo: Bertrand Brasil, 1988.
- SORRE, Max. **El hombre en la tierra**. Barcelona: Editorial Labor, 1961.
- TRICART, Jean. **Ecodinâmica**. Rio de Janeiro: IBGE/SUPREN, 1977.
- TRICART, Jean. **A terra planeta vivo**. Lisboa/São Paulo: Editorial Presença/Livraria Martins Fontes, 1978.
- VIDAL LA BLACHE, Paul. **Princípios de geografia humana**. Lisboa: Cosmos, 1954.